



Volume

31/1

ICH - UFPel



História em revista

 revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória



UFPEL

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Mauricio Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordim*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

Núcleo de Documentação História da UFPel -

Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristede Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de Documentação Histórica - Profa. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristede Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janete Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile

Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)

Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)

Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)

Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill (NDH-UFPel) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso (Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural Santa Casa Porto Alegre)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do NDH-UFPel. Fonte: Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva (FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS); Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira (UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do



UFPEL



Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Letícia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maíra Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo - RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Marisete Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPLAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Willian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böttge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böttge

Catalogação – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böttge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueiredo Alves, Alicie Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonneuve – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral
e-ISSN: 2596-2876
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907



Filiada à ABEU

ENTRELAÇAMENTOS ENTRE MUSEOLOGIA DE GÊNERO E DOCUMENTAÇÃO: O CASO DO MUSEU DO DOCE DE PELOTAS/RS

INTERCONNECTIONS BETWEEN GENDER MUSEOLOGY AND DOCUMENTATION: THE CASE OF THE MUSEU DO DOCE IN PELOTAS/RS

Sarah Fernandes

Doutora em Literatura/UFSC, graduanda em Museologia/UFPel, integrante do grupo de pesquisa Museologia em Perspectiva de Gênero (MUPEG)/UFPel.

E-mail: sf.sarahfernandes@gmail.com

Giovana Schiavon Barreira

Graduanda em Museologia/UFPel e atualmente colaboradora voluntária no Museu do Doce.

E-mail: givn.sch@gmail.com

Resumo. O presente artigo examina a presença e o papel histórico das mulheres na museologia brasileira, um campo onde, inicialmente, elas foram relegadas a funções de "assistentes", mas conseguiram destaque com o tempo na área teórica. A pesquisa destaca o Museu do Doce de Pelotas (UFPel) como um estudo de caso emblemático, onde a liderança feminina é notável e que conseguiu dar destaque para o protagonismo das mulheres com o auxílio da atual gestão e seu notório trabalho. A documentação é processo chave para que isso seja possível, pois pode desafiar narrativas históricas tradicionais e dar visibilidade às relações de poder e gênero, desde que não seja neutra.

Palavras-chave. museologia de gênero; documentação; Museu do Doce.

Abstract. This article examines the presence and historical role of women in Brazilian museology, a field where they were initially relegated to "assistant" roles but have over time achieved prominence in the theoretical field. The research highlights the Museu do Doce (UFPel) as an emblematic case study, where female leadership is notable and which has managed to highlight women's protagonism with the help of the current administration and its renowned work. Documentation is a key process for this to happen, as it can challenge traditional historical narratives and shed light on power and gender relations, as long as it is not neutral.

Keywords. gender in museum studies; documentation; Museu do Doce.

A museologia no Brasil deve grande parte de seu desenvolvimento às mulheres. De acordo com Soares (2019), os primeiros cursos de formação para atuar em museus, que se multiplicaram no início do século XX, eram destinados a mulheres com o objetivo de formar assistentes para realizar funções básicas como organizar, manusear, classificar e catalogar objetos nos museus (p. 4). Ou seja, eram atribuídas às mulheres funções frequentemente associadas ao feminino: cuidar é um verbo associado a uma

função feminina. Em seu artigo “Museologia, Gênero E Feminismos: Sobre Mulheres, Coleções E Museus” (2018), Ana Audebert afirma que a mulher é ensinada a perceber-se a partir dos papéis de mãe e esposa, e que lógicas opressoras as mantêm presas na imanência (p. 236). Esse papel está intimamente ligado à casa; é o espaço do qual a mulher cuida, e que cabe a ela organizar, aproximando-se bastante do papel de assistente. Além disso, essa função se restringia aos bastidores do museu, ainda que hoje a percepção da importância do trabalho da pessoa museóloga tenha mudado, a realidade era que, na época, esse também era um lugar de invisibilidade.

Uma mudança é perceptível no século XX, quando o campo da teoria museológica brasileira testemunha uma afluência de contribuições femininas de diversas áreas relacionadas: Tereza Scheiner, Márcia Chuva, Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, são alguns nomes que contribuem para quebrar o paradigma de mulheres como meras “cuidadoras” de museus, relegadas a um papel silencioso e secundário, estabelecendo a força que mulheres tiveram no amadurecimento da área da Museologia. Já no século XXI proliferam discussões sobre a curadoria das exposições, buscando romper com o que Michelle Perrot (1989), um dos maiores nome da História da Mulheres, descreve como: “A narrativa histórica tradicional que dá pouco espaço [às mulheres], justamente na medida em que privilegia a cena pública - a política, a guerra - onde elas aparecem pouco” (p. 33). No âmbito das artes visuais, por exemplo, o artigo pioneiro de Linda Nochlin *Por que não houve grandes mulheres artistas?*, publicado em 1971, é um ponto de partida para a discussão da curadoria de museus de arte, descrevendo os obstáculos que fizeram com que as mulheres tivessem muita dificuldade em se tornarem artistas e obterem o reconhecimento tanto do grande público quanto da crítica especializada.

Ao levar em consideração os avanços acima expostos, traçando uma linha cronológica de como as mulheres começam como “assistentes” em museus, viram protagonistas no campo da teoria museológica e, atualmente, são consideradas verdadeiras artistas cujos trabalhos merecem exposição, ainda existe um outro espaço onde sua participação é digna de ser melhor mapeada: os bastidores dos museus. Hoje, a museóloga não é mais mera assistente: é pesquisadora, é responsável pelas informações comunicadas para o público a partir do acervo do museu, e esse é o papel crucial para o funcionamento da instituição. Por isso, no presente trabalho, busca-se entender um pouco o papel do gênero dentro dos museus, a importância da documentação e como ela está ligada ao gênero. Para isso, um estudo de caso sobre o Museu do Doce e a atuação da atual responsável pelo museu servirá não só como ilustração para o panorama teórico explorado mas também como contribuição para a valorização das mulheres que estão nos bastidores dos museus.

Gênero no museu

A predominância da participação de mulheres na museologia brasileira é perceptível nas mais diversas instâncias que a área envolve. Em Pelotas, podemos citar o curso de Museologia da Universidade Federal (UFPel), onde 5 das 9 pessoas que integram o corpo docente efetivo são mulheres, além de também serem a maioria do

corpo discente do programa atualmente. Com esse quadro de formação delineado, é esperado que o campo de atuação profissional em museus na cidade também seja majoritariamente preenchido por profissionais mulheres.

O panorama geral dentro da UFPel, por exemplo, mostra que os museus e acervos sob a custódia da universidade têm mulheres fazendo parte da equipe de liderança. É assim no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), onde tanto a diretora quanto a museóloga são mulheres; no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR), a museóloga é uma mulher e no Museu do Doce, sobre o qual falaremos mais adiante, tanto a diretora quanto a vice-diretora são mulheres¹. Assim como os acervos do centro de memória História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales) e da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR)², localizados no prédio do Instituto de Ciências Humanas (ICH II), estão sob o cuidado de mulheres professoras da universidade. São museólogas mulheres também as responsáveis pelo Museu Histórico da Biblioteca Pelotense e o Museu da Baronesa (atualmente fechado para o público para reformas).

O quadro é relevante ao partir do fato de que o final do século XIX testemunha o debate sobre o direito das mulheres ao voto, e é em meados século XX que mulheres terão o direito de abrir uma conta em banco e de gerenciar elas mesmas suas heranças, sem depender de uma autorização de um marido. Poucas décadas depois, as mulheres dominam os museus da cidade. Ao analisarmos os museus como instâncias que legitimam poderes, discursos e identidades, também devemos analisar como esse contexto de disputas atravessou e continua atravessando os museus. Ou seja, as mulheres que atuam dentro dos museus estão dentro desse contexto social, agindo sob a tensão dos papéis de gênero.

Audebert (2018) também sublinha como a prática social é marcada pelos papéis de gênero quando o processo de musealização está em curso,

entendendo que o valor documental do objeto museológico não é um dado em si, pronto e inerente, trata-se nesse caso de desvendar quais valores foram e são atribuídos a determinado bem cultural para que seja entendido como documento sendo justificada assim sua preservação e consequente musealização. Esse movimento é necessário para operar a desnaturalização dos objetos e das coleções nos museus. (p. 261).

Isso quer dizer que, no papel de curadoria, é possível que as relações de gênero influenciem o trabalho de quem está à frente do museu, fazendo com que suas escolhas curatoriais possam ou reforçar ou questionar os discursos produzidos sobre elas e

¹ O museólogo oficial do Museu do Doce está atualmente alocado em outra função dentro da universidade, por isso a diretora acaba desempenhando algumas funções de museóloga também.

² A CTMR foi a companhia operadora de telefonia do sistema Telebrás, atuando nos municípios de Pelotas e Capão do Leão de 1922 até 1998, quando foi privatizada pela Brasil Telecom.

consequentemente comunicados para o público, principalmente através das exposições construídas em cima dessas escolhas.

Essa perspectiva mostra que, para além da discussão sobre uma desnaturalização do movimento que leva à interpretar o objeto museológico, é preciso desnaturalizar o próprio fazer museológico. Sem entender quem gira as engrenagens que fazem o museu cumprir seu papel, é impossível valorizar o trabalho que acontece dentro do museu e que também está inserido no sistema patriarcal, pois é nele que se localiza. Essa desnaturalização implica sempre levar em consideração que as escolhas que são feitas diariamente dentro do museu estão sendo influenciadas pelas relações de gênero. E os discursos produzidos sobre os objetos do museu são feitos a partir da documentação, que é a chave do fazer museológico. Ou seja, para desafiar a narrativa histórica tradicional é preciso que a práxis museológica seja feita com as relações de gênero em mente.

A documentação como ponto chave para o fazer museológico

Se hoje podemos afirmar que "a documentação é o instrumento básico para que os museus deixem de ser armazéns de objetos, convertendo-se em organismos difusores de informação de missão educativa" (Torres, 2002, pp. 48-49), é preciso lembrar que nem sempre a documentação teve essa missão. Na realidade, Hernandez (2006) delineia 5 etapas chave para a história do campo da museologia a partir de algumas teorias desenvolvidas durante o século XX, reforçando como no início o interesse na área estava focado apenas nos aspectos práticos e organizacionais.

351

A primeira etapa foi estabelecida como a etapa do Templo das Musas, que deu origem à palavra *museu* (ainda que a autora descreva a exibição de troféus de guerra que já aconteciam há séculos como uma espécie de exibição que precede essa etapa, é o Templo que será o modelo inicial para o desenvolvimento da instituição museu). Nesse espaço estudava-se, entre outros, poesia, música, história e astronomia, além de ser um espaço sagrado para homenagear as musas. O segundo momento é o da etapa pré-científica, e vem com a acepção moderna da palavra *museu* e a delimitação de seus objetivos: já não é lugar de diversas atividades como o Templo das Musas, mas abrigo para as coleções renascentistas. Além disso, é ao longo dos séculos XVII e XVIII que a abertura para o público tem suas origens. O terceiro momento inicia no século XIX; definida como a etapa museológica, é quando se vê "o desenvolvimento da origem da museologia e das técnicas museográficas aplicadas aos museus com o propósito de ordenar, expor e interpretar os objetos que nele se guardam" (Hernández, 2006, p. 35)³. As coleções, então, começam a ser mais organizadas tanto no que se refere à seleção dos objetos como na exibição dos mesmos, e a interpretação desses objetos demanda que sejam feitas pesquisas. É um momento pós Revolução Francesa, evento que

³ "el desarrollo del origen de la museología y de las técnicas museográficas aplicadas a los museos con el propósito de ordenar, expor e interpretar los objetos que en ellos se guardan" (Hernández, 2006, p. 35). Todas as traduções da autora são de nossa autoria.

reverbera também na história dos museus; a abertura ao público e o acesso aos museus de forma mais democrática são ideais que se discutem e que se propagam, em contraste com as coleções privadas que eram acessíveis apenas para quem fazia parte da elite.

Até esse momento, essas etapas contam com a participação isolada de mulheres; Perrot (1989) inclusive afirma que

no século 19, a coleção, e ainda mais a bibliofilia, são atividades masculinas. As mulheres se retraiem em matéria mais humilde: a roupa branca e os objetos. Ninharia, presentes recebidos em um aniversário ou uma festa, bibelôs trazidos de uma viagem ou de uma excursão, “mil nadas” preenchem vitrines, pequenos museus da lembrança feminina.” (p. 37)

Ou seja, a “curadoria” dos objetos atrelados à existências das mulheres também era considerada menor, eram “nadas”, “bobagens” em comparação com as coleções mantidas por homens.

Esse cenário começa a mudar na quarta etapa. Chamada de “a etapa das investigações sobre a museologia e a museografia”, é bastante explorada por pessoas que estudam a história da área e, ainda segundo Hernandez (2006), é dividida em diferentes etapas dependendo do olhar teórico que se debruça sobre essa época. O que é comum entre essas teorias, porém, é o fato de que a primeira metade do século XX é o momento durante o qual proliferam as questões da organização de museus em tipologias, quando surgem conferências (como a 1a Conferência Geral do ICOM, em 1948) e publicações sobre o assunto (como *Os Fundamentos da Museologia Soviética*, de 1955, defendendo a museologia como a ciência da área dos museus), e discussões com trocas cada vez maiores entre diferentes países se popularizam, em parte também por avanços tecnológicos que facilitaram não só viagens internacionais mas também a circulação de textos. No Brasil, como já colocado, é do início do século XX o primeiro curso de museologia do país, que contava com a participação de uma maioria de mulheres.

Finalmente, de meados do século XX em diante, Hernandez (2006) discorre sobre a quinta e última etapa. É quando é estabelecido o Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), em 1977, que fornece uma plataforma interdisciplinar e internacional para discussões da área (p. 58). Em resumo, com o passar dos séculos, o museu deixa de ser um “armário de objetos curiosos” para ser um lugar plural que preconiza pesquisas interdisciplinares e que não mais se restringem ao local físico; e central para a pesquisa dentro dos museus e para a compreensão dos objetos como portadores de significados, hoje, é a documentação.

De acordo com Suzanne Briet, em sua obra *O que é a documentação* (2016), publicada originalmente em 1951 e até hoje de grande relevância para a área,

a teoria da documentação foi sendo construída pouco a pouco a partir do grande período da explosão tipográfica, que começa aproximadamente no terceiro quartel do século XIX e corresponde ao avanço das ciências históricas e ao progresso da técnica." (p. 04).

Esse avanço continua alargando seu escopo para ter em consideração as novas tecnologias que vão surgindo. Ao longo de seu texto, a autora afirma que documentar vai muito além de organizar, e que deve incluir analisar, selecionar e disponibilizar as informações para facilitar seu acesso durante as pesquisas.

No caso específico dos museus, a discussão sobre a documentação está intimamente entrelaçada com o panorama descrito até então. É justamente a documentação museológica que permite que o acervo seja mais do que um depósito, pois é a partir dela que, de acordo com Camargo-Moro (1986), se desenvolve a compreensão sobre os objetos e, assim, possa ser estabelecida uma conexão entre o objeto e o público, relacionando-os através de seus contextos históricos, culturais e sociais. Nesse sentido, Ceravolo (2012) sublinha a importância das atividades nos bastidores, como a documentação, para que o objeto possa ser finalmente exposto (p. 81). O que as autoras colocam, então, é que a exposição de um objeto depende do que sabemos sobre ele. É preciso levantar as informações que vão além do objeto físico para estabelecer qual é sua relação com a sociedade, o que ele representa e como essas informações podem ser passadas para o público do museu em uma exposição. Sem saber nada sobre o objeto, não há muito o que possamos falar sobre ele.

Além disso, há o escopo legal: atualmente a Lei Federal n.º 11.904/2009 regulamenta quais são os princípios de um museu, e afirma que a documentação e a gestão dos acervos museais devem ser mantidas atualizadas e organizadas. Ou seja, é obrigação da instituição desenvolver essas atividades; do contrário, não pode ser considerada um museu sob a perspectiva legal. Um estudo de caso vai demonstrar como a prática museológica embasada tem o poder de criar expografias que levem em consideração a contribuição de setores invisibilizados da sociedade.

O Museu do Doce sob a direção da professora Noris Pacheco Leal

Em 2003, a *Política Nacional de Museus - Memória e Cidadania* (PNM), ferramenta de política pública balizadora para o desenvolvimento dos museus, orientando sobre aspectos estruturais e formativos dos museus e da Museologia enquanto área, é criada. Voltada para a valorização do patrimônio cultural complexo de lugar tão plural quanto o Brasil, a PNM foi construída com a participação de representantes da área de museus e áreas afins. Nela, determina-se que os museus sejam

unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural [...] com o objetivo de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira (p. 08).

Ou seja, a PNM tem como um dos pilares dos museus brasileiros a documentação.

Em 2006, três anos depois do estabelecimento da PNM, o curso de Museologia da UFPel é criado através da Portaria nº 1158, de 21 de agosto de 2006, proveniente da confluência de anos de políticas públicas dedicadas para a estruturação de museus. O resultado é um curso extremamente interdisciplinar e focado majoritariamente na Museologia Social, que defende o uso comunitário e participativo dos museus. Nesse contexto, em 2013, o Museu do Doce da UFPel é inaugurado. O que o torna um relevante objeto de estudo é o fato de ser o único museu da universidade que se configura como órgão suplementar do Instituto de Ciências Humanas (ICH), centro que abriga o curso de Museologia. Isso quer dizer que ele pode ser mais diretamente impactado pelas discussões impulsionadas pelas pesquisas realizadas dentro do curso e, num movimento contrário, também proporciona local para desenvolvimento de práticas museológicas confluentes.

Depois de fazer uma primeira gestão como diretora do museu no período de 2013 a 2016, a professora Noris Pacheco Leal, professora associada do curso de Museologia da UFPel, assume o museu pela segunda vez em 2023. Atuando dentro de um museu que “tem como missão salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas e da região, com o compromisso de produzir conhecimento sobre esse patrimônio”, a documentação e as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas ao longo da presente gestão culminam em uma série de ações que destacam o papel das mulheres na história da cidade. Sob essa perspectiva, é possível começar citando o exemplo da Fenadoce de Pelotas. Esse evento, que acontece desde 1986 e onde doces certificados com selo e identificação de origem geográfica são vendidos em estandes, deixa de ser interpretado como uma “simples festa” e passa a ser documento para compreensão da ligação de Pelotas com o doce.

354

Considerando que esse evento é um dos mais tradicionais da cidade, o papel que o Museu do Doce assumiu ao documentar a história da tradição doceira pelotense foi um marco para o resgate da história das mulheres envolvidas nessa tradição. Esse reconhecimento está intimamente entrelaçado com a história do doce pelotense, que é inserido no Livro de Registro do Patrimônio Imaterial do IPHAN, na categoria dos saberes, através do artigo 1º, SS1º, inciso I, do Decreto 3.551/2000, evidenciando ainda mais a importância dessa documentação histórica reconhecendo a importância desse saber fazer. Além disso, desde a abertura do museu inúmeros trabalhos sobre a tradição doceira da cidade, sobre a Fenadoce e outros aspectos relacionados a esse saber foram publicados, tanto em forma de artigos quanto em trabalhos de conclusão de curso. Também ocorrem palestras e atividades como a roda de conversa “As primeiras mulheres negras da corte da Fenadoce”, além dos projetos de ensino, pesquisa e

extensão desenvolvidos por colaboradores voluntários e bolsistas no contexto do museu que abordam essas questões.

Além da exposição de longo prazo, é possível citar como um exemplo uma exposição temporária que enalteceu a participação das mulheres, intitulada “Cadernos de Receitas: narrativas da tradição doceira”, de 2024. Cadernos de receitas antigos foram exibidos, muitos emprestados de famílias pelotenses, e quase todos escritos por mulheres. Além disso, visitantes poderiam escrever suas próprias receitas em um caderno com páginas em branco que estava na exposição, convidando o público a participar ativamente da construção da exposição. O livro foi disponibilizado para o público em geral depois do término da exposição após o evento de lançamento (Imagem 2). O protagonismo feminino nos cadernos antigos comprovou que foram as mulheres as principais guardiãs da tradição doceira da cidade.

Figura 1. detalhes à esquerda dos cadernos em exposição e à direita de objetos relacionados ao saber doceiro.



Fonte. Relatório do Museu do Doce de Pelotas, 2024.

Entrelaçamentos entre museologia de gênero e documentação: o caso do Museu do Doce de Pelotas/RS



doceiro.

Figura 2. Cartaz do lançamento do caderno de receitas referente à exposição “Cadernos de Receitas: narrativas da tradição doceira”.

Fonte. Rede social Instagram do Museu do Doce.

Outra exposição temporária de relevância foi a intitulada “A Cooperativa das Doceiras - início de uma trajetória patrimonial”, de julho de 2025. Retomando a história desta cooperativa que é criada para “preservar o legado da confeitearia e fomentar o desenvolvimento de uma nova geração de doceiras na cidade” (Museu do Doce, 2024) pelos alunos e alunas do Curso de Doces da professora Rosinha, em 1981, a exposição não deixa cair no esquecimento as 150 doceiras que fizeram parte do esforço para a continuidade de uma parte tão relevante da história pelotense. A exposição também dedicou espaço para contar a história de Santa Cristina Pinheiro, a Dona Santinha (Imagem 3), uma das pioneiras na formação da cooperativa e, consequentemente, na preservação da tradição do saber fazer doceiro.

Figura 3. Dona Santinha, manuseando parte do acervo da exposição.

Fonte. Museu do Doce.

356

É também relevante destacar o protagonismo dessas mulheres pois o saber fazer doceiro é considerado um papel que recai tradicionalmente sobre a mulher, e que não é preciso negar esse papel para que elas sejam consideradas participantes importantes na história da cidade por estarem conectadas com essa tradição.

Sob a perspectiva que descreve Hernandez (2006), ao afirmar que “nem o museu nem o patrimônio podem ser considerados como entidades que têm razão de ser em si mesmas, mas sim que o interesse



que despertam em nós é devido a sua produção social" (p. 73)⁴, o Museu do Doce questiona a estrutura patriarcal quando escolhe trazer à tona as histórias ligadas à tradição doceira e suas protagonistas mulheres.

Conforme Tedeschi (2016)

se historicamente o feminino é entendido como subalterno e analisado fora da história, porque sua presença não foi registrada, libertada a história é falar de homens e mulheres numa relação igualitária. Falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que elas estiveram presente, mas reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos, desconstruindo a história da história feminina para reconstruí-la em bases mais reais e igualitárias" (p. 156).

Isso significa dizer que o museu como instituição tem a possibilidade de construir sua práxis museológica aliando conhecimento teórico com prática política, se desafiar a história que é contada nos museus antropológicos cujas histórias são sempre protagonizadas por homens. Mas isso só é possível se o trabalho que precede a exposição for embasado por uma pesquisa que se faz com rigor científico e com um olhar apurado para as lacunas da história onde ficam sujeitas cuja identidade foi escondida da narrativa convencional.

Para Hernandez (2006), fazer museologia "implica, sobretudo, um movimento criativo capaz de gerar novos sentidos sociais e culturais para a humanidade" (p. 103)⁵. Essa responsabilidade é parte da prática cotidiana da museóloga, que no Museu do Doce é cumprida quando as doceiras são as protagonistas das expografias ali organizadas, com o resgate de sua história e relevância para uma cidade que se denomina a cidade do doce. E aqui a lógica é: se Pelotas é a cidade do doce e as responsáveis por essa atividade sempre foram tradicionalmente as mulheres, são as mulheres que representam essa característica da cidade. Quando alguém vai ao Museu do Doce, turista ou não, a pessoa deve ser confrontada com essa realidade, percebendo a relevância do papel das mulheres na formação de uma cidade que tende a homenagear homens brancos em bustos espalhados pela cidade e nomes de ruas, apagando outras identidades. É uma expografia que leva o público a questionar aquela narrativa histórica tradicional.

Ainda de acordo com Tedeschi (2016)

A diferença não é contrária à igualdade, mas à identidade. A igualdade das pessoas significa a igualdade de seus direitos civis e políticos, e não o fato de que essas pessoas sejam idênticas umas às outras por natureza ou mesmo por sua condição. Não é nas diferenças que reside o problema, mas no

⁴ "ni el museo ni el patrimonio pueden ser considerados como entidades que tiene razón de ser en sí mismas, sino que el interés que despiertan en nosotros es debido a su producción social" (Hernandez, 2006, p. 73).

⁵ "ha de implicar, sobre todo, un movimiento creativo capaz de generar nuevos sentidos sociales y culturales para la humanidad." (Hernandez, 2006, p. 103).

modo como elas são hierarquizadas. Fruto desta hierarquia, as mulheres aparecem como inferiores aos homens. (p. 162)

Dentro dessa perspectiva, a história da Museologia ainda caminha para reconhecer o processo histórico de apagamento das mulheres no seu âmbito. Assumir esse processo é relevante para que se desenvolvam consciências críticas a respeito das memórias coletivas e narrativas preservadas nos museus, entre outros espaços nos quais a atividade museológica pode se enquadrar através das práticas de seus e suas profissionais. O exemplo do Museu do Doce é muito significativo para entendermos que essas pessoas que trabalham nos museus têm a oportunidade de fazer a diferença; é isso que a gestão atual da professora Noris Leal faz ao ter o cuidado de desafiar a narrativa dominante da formação de Pelotas e de não esquecer que a identidade de cidade do doce deve sua existência a mulheres que foram silenciadas pela história durante muito tempo.

O que o caso da atual gestão do Museu do Doce mostra é que o museu pode cumprir sua função com integridade se existe rigor na documentação, e consequentemente, na pesquisa que acontece em seus bastidores. É o que afirma Hernández (2006) quando coloca que

358

analizando a dinâmica que los museos seguirán en la hora de exponer sus colecciones, percibimos de inmediato la presencia activa de los museólogos y conservadores que han dejado su impronta, más o menos visible, en todas ellas a través de su interpretación personal del pasado. Ellos decidían qué se debía exponer y qué no, cómo exponerlo y por qué. (p. 222)⁶

Ou seja, reforça que a presença ativa de profissionais é chave para que o que seja escolhido para entrar em alguma exposição esteja contribuindo para tirar as mulheres do silêncio, conforme colocação Perrot (1989) quando afirma que a vida das mulheres foi pouco documentada e, desse pouco, muito foi apagado. A exposição sobre a cooperativa das doceiras, nesse sentido, cumpre duas funções: além de tirar mulheres do silêncio, usou objetos do cotidiano para contar essa história, cedidos pelas famílias das doceiras, objetos que certamente não são vistos como pertinente de ser parte de uma “coleção”, mas que na realidade são fundamentais para auxiliar a contar a história da tradição doceira pelotense. Esse significado só pode ser trazido à luz através de sua documentação. E, como afirma Audebert (2018), “os museus e suas coleções são poderosas instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades e precisam ser analisados e estudados também à partir do conceito de gênero e patriarcado” (p. 244).

⁶ “analizando la dinámica que han seguido los museos a la hora de exponer sus colecciones, percibimos de inmediato la presencia activa de los museólogos y conservadores que han dejado su impronta, más o menos visible, en todas ellas a través de su interpretación personal del pasado. Ellos decidían qué se debía exponer y qué no, cómo exponerlo y por qué.” (Hernández, 2006, p. 222).



Como é possível perceber ao longo desse texto, a presença das mulheres na área da museologia e afins torna-se cada vez mais relevante. Entre outros indícios, a própria bibliografia utilizada é majoritariamente de mulheres, sem que seja necessário fazer uma busca em fontes alternativas. Isso porque já faz algum tempo que as mulheres estão produzindo pesquisa científica de qualidade expressiva para a área, mesmo sem tocar abertamente nas temáticas de gênero.

Além da considerável produção teórica, pode-se citar também a presença de mulheres em órgãos como o ICOFOM; Tereza Scheiner foi presidente de 1999 até 2004, e sua gestão foi seguida pela de outra mulher, Hildegard K. Vieregg. O curso de Museologia da UFPel, apesar de carecer de disciplina obrigatória sobre o tema, estabeleceu uma disciplina optativa com temática de gênero e, mais recentemente, a criação do projeto de pesquisa Museologia em Perspectiva de Gênero - MUPEG, abre portas para pesquisas mais aprofundadas sobre a atuação de mulheres no campo da museologia. Todos esses indícios são bons sinais para o futuro, pois apontam não só para a valorização do papel das mulheres em exposições mas também para uma conscientização da parte de profissionais de museus para a importância de pesquisas que tragam esses papéis à tona, pois agora há o entendimento de que não houve uma ausência de mulheres mas sim um apagamento da sua participação da narrativa popular. Valorizar sua participação nas instituições museológicas é também dever da pesquisa da área, pois é a partir dos bastidores dos museus e de seu cuidado com a documentação de seu acervo que são definidas as ideias que vão ser apresentadas ao público visitante, e só assim as narrativas históricas tradicionais poderão ser questionadas.

Referências

- AUDEBERT, Ana. Museologia, gênero e feminismos: sobre mulheres, coleções e museus. **Anais do XXIV Encontro Anual do Icofom Lam. Musealidade e Patrimônio na Teoria Museológica Latino-Americana e do Caribe**: ICOFOM LAM – Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe, Ouro Preto, v. 1, p. 231-265, 2018.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 15 jan. 2009.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Política Nacional de Museus - Memória e Cidadania. Brasília, DF, 2003.
- BRIET, Suzanne. **O que é a documentação**. (Trad. Maria de Nazareth Rocha Furtado) Distrito Federal: Briquet de Lemos, 2016.
- CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museus: Aquisição/Documentação**. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.
- CERÁVOLO, Suely Moraes. Museus e geração de informação: embates práticos. **Anais do III Seminário Serviços de Informação em Museus**, São Paulo, p. 81-94, 2014.
- HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. **Planteamientos teóricos de la museología**. Gijón: Ediciones Trea, 2006.
- MARÍN TORRES, María Teresa. **Historia de la documentación museológica**. Espanha: Ediciones Trea, 2002.
- MUSEU do Doce. **Relatório Anual 2024** - Museu do Doce da UFPel. Pelotas, 2024.
- PERRROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n. 18, São Paulo, ANPUH, 1989.
- SOARES, Bruno Bralon. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente*. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 55, abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/4ZxkWYpwrhgG8g6J9Dn7D4K/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Raído: Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, jun. 2016.